A crise do Silicon Valley Bank



» CARLOS ALBERTO SANTANA
Empresário, é CEO da CS Invest e sócio-fundador da Tecnobank

Apesar do título, começo este artigo com outro questionamento: seriam as crises dos bancos americanos Silicon Valley Bank (SVB) e Signature Bank um presságio do que pode vir a acontecer com o mundo e, claro, com o Brasil, ou um déjà vu de situações enfrentadas pelos EUA em 1929 e 2008, com reflexos em todo o mundo? Ou ambos?

Fato é que a quebra do SVB, o 16º maior banco dos Estados Unidos, que acende um importante alerta sobre a política monetária do país, não é a única notícia negativa e de impacto no mundo dos negócios e investimentos neste momento. As manchetes vindas do Vale do Silício nos últimos meses não são animadoras. Entre as poucas inovações, temos o ChatGPT, que serviu de concretização da boa fase vivenciada pela Microsoft, via participação bilionária na OpenAI. Por seu lado, são frequentes as notícias de perdas de valor de mercado, com destaque para Twitter, Meta/Facebook e Google, além de crises financeiras de todos os tipos.

Como se não bastasse, nos últimos 12 meses mais de 330 mil funcionários foram demitidos das empresas de tecnologia, segundo levantamento da TrueUp. Noventa mil foram desligados apenas no primeiro bimestre de 2023. Há inúmeras análises acerca desse comportamento, mas trago aqui três reflexões possíveis: 1) o boom de contratações que inflacionou salários e benefícios dos profissionais de tecnologia. Com mais profissionais disponíveis no mercado, maior será a possibilidade de realinhamento salarial das áreas de recursos humanos; 2) a queda, com a retomada das atividades presenciais, nas demandas de tecnologia geradas na pandemia. Segundo a consultoria Wealth High Governance, mais de 941 mil pessoas foram contratadas pelo Vale do Silício entre o quarto trimestre de 2019 e o terceiro de 2022, um contingente que já não é tão necessário; e 3) a queda de produtividade dos profissionais como reflexo de novo modelo de trabalho, também fortalecido na pandemia, que talvez precise de revisões para adequação ao novo momento que vivemos.

Para minimizar a gigantesca crise em curso (em dois dias, investidores acumularam US$ 465 bilhões em perdas na bolsa), o Federal Reserve Board (FED), o banco central norte-americano, não esperou nem a segunda-feira chegar e, no domingo, 12 de março, comunicou que agiria de maneira imediata. Qual a mensagem que esse cenário nos transmite? Para chegarmos a uma conclusão, é preciso analisar presente e passado em conjunto, ampliando a reflexão para além das fronteiras norte- americanas e chegando ao Brasil.

Segundo o analista político Genésio Araújo Jr., os movimentos atuais de Joe Biden, presidente democrata dos EUA, podem representar uma reedição do New Deal, desenvolvido por Roosevelt no pós-crise de 1929 (quando o republicano Herbert Clark Hoover presidia os EUA), que quebrou a bolsa de valores de Nova York. O resultado?

O também democrata Roosevelt foi eleito presidente por quatro mandatos consecutivos. Menos distante está o exemplo de Obama, que, para enfrentar a crise de 2008, injetou US$ 2 trilhões na economia americana, salvando, mais uma vez, o capitalismo. Coincidência ou não, assim como Roosevelt e Biden, Obama era um presidente democrata.

No mesmo 2008, Lula liderava um Brasil que, na contramão da crise global, crescia e viria a se tornar a 7ª maior economia do planeta. Existe ainda um novo paralelo: os resultados negativos vivenciados agora pelo SVB são reflexo de um período governado pelo republicano Donald Trump. E por aqui temos, novamente, Lula na Presidência.

Enquanto Biden vai bancar o prejuízo dos clientes do SVB e do Signature Bank e atuar para controlar os juros e evitar a falência de outras instituições financeiras, o Brasil pode ganhar com isso. Em tempos de debate sobre nossa taxa básica de juros, o case às avessas dos EUA pode influenciar mudanças rápidas na política monetária nacional, com reflexos diretos na próxima reunião do Copom.

Finalizo este artigo com uma reflexão de Reinaldo Rabelo, do Mercado Bitcoin: "A história se repete várias vezes antes que as coisas mudem". O que precisa mudar no dia a dia dos mercados financeiro e de tecnologia, além das políticas monetárias das grandes economias globais, para que não vejamos os mesmos problemas se repetirem? A resposta pode salvar muitos bilhões de dólares mundo afora.

Perdas e danos relativos aos lixões

» LUIZ GONZAGA ALVES PEREIRA
Presidente da Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos e Efluentes (Abetre)

Há cidades brasileiras nas quais os resíduos sólidos representam de 10% a 20% das emissões de carbono, gerando volume expressivo de gases de efeito estufa. Tais localidades são exatamente aquelas nas quais, à revelia dos interesses maiores da sociedade, das leis e dos preceitos ambientais, são mantidos os famigerados lixões. Eles também causam danos à saúde pública, são caldos de cultura para a proliferação de mosquitos e roedores, fontes de odores e causa de muito desconforto humano.

Todos esses problemas demonstram a premência da extinção dos lixões, que já havia sido estabelecida para agosto de 2014, segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), lei promulgada em 2010. Entretanto, em vez da atitude para o fechamento dos locais inapropriados, o que se viu foi uma romaria de executivos municipais em direção ao parlamento, com o propósito de postergar as medidas e deixar de cumprir a legislação.

Depois das numerosas manobras protelatórias, eis que o Novo Marco do Saneamento Básico (Lei 14.026), sancionado em julho de 2020, instituiu melhores condições para esse avanço civilizatório e ecológico, ao estabelecer livre licitação para os serviços de coleta, tratamento e destinação final do lixo, com estímulo a investimentos privados e criação de empregos, substituindo um oneroso passivo ambiental por valor econômico sustentável. Em novembro de 2020, visando contribuir para o cumprimento da nova lei, a Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos e Efluentes (Abetre) criou o Atlas da

Destinação final de resíduos. É uma ferramenta de livre acesso, que coloca à disposição da sociedade informações concretas para avaliação e cobrança das autoridades. A entidade havia contabilizado que, ao final de 2018, havia 3.427 lixões espalhados pelo território brasileiro. Observamos que, passados 13 anos desde a promulgação da PNRS e quase quatro do Novo Marco do Saneamento, os avanços são lentos. Ainda temos no país, conforme os números atualizados do Atlas, 2.577 desses depósitos ambientalmente incorretos. Pode ser até mesmo que o número seja maior, pois a fiscalização, quando existe, é muito tímida. Ademais, não há a necessária sanção judicial determinada na lei.

É oportuno retomar o tema neste momento em que o governo acaba de instituir o Programa Diogo Sant'Ana Pró-Catadoras e Catadores para a Reciclagem Popular, recriando o antigo Programa Pró-Catador. Os catadores são extremamente importantes e fundamentais no setor de resíduos, mas precisam ser tratados com a máxima consideração, a começar pelas condições de trabalho, salubridade e dignidade profissional e de renda.

Cabe esclarecer que fechar um lixão não desemprega o catador. Ao contrário, proporciona-lhe melhores condições de salário, preserva sua saúde e possibilita maior rentabilidade. Há extraordinários exemplos no país. No sul da Bahia, na região da mata atlântica, onde alguns desses depósitos anacrônicos foram erradicados, os resíduos estão sendo destinados a aterros sanitários ecologicamente corretos. Os catadores, que trabalhavam de modo precário nos antigos lixões, ganharam dignidade e tratamento humano adequado, recebem dignamente e desempenham com mais eficiência a missão de selecionar os resíduos aproveitáveis e recicláveis.

Não cabe mais relevar subterfúgios para encobrir a irresponsabilidade das autoridades municipais descumpridoras da lei, como segue ocorrendo de modo irresponsável com o calendário estabelecido pelo Novo Marco do Saneamento. É um absurdo que siga sendo desrespeitada no Brasil uma legislação fundamental para a ecologia e a saúde pública. Por isso, há uma pergunta que não quer calar: a quem interessa a poluição dos nossos lençóis freáticos e a contaminação do meio ambiente, especialmente em um momento em que todo o mundo está preocupado com a questão climática?

A manutenção dos lixões, além de irresponsável, é uma agressão a nós mesmos, ao meio ambiente e, oxalá, não seja também realidade recorrente como o incêndio ocorrido dia 14 de fevereiro, em Cerro Patacón, o maior lixão do Panamá. Será que não há no Brasil nenhum poder capaz de fazer cumprir as leis e punir os infratores? Quais as razões de tamanha negligência com a população? Antes, a alegação era a de que não havia recursos.

Esta desculpa foi desmontada pelo Novo Marco do Saneamento, que criou condições para a realização dos investimentos necessários. Além das livres licitações, o caminho também foi dado às autoridades municipais pela possibilidade criada pela nova lei de estabelecer a sustentabilidade econômico-financeira dos serviços de coleta, tratamento e destinação dos resíduos sólidos. Mas é baixo o número de municípios que instituíram, no espírito da lei, alguma tarifa para esses serviços. Muitos informam cobrar uma taxa de lixo que, a rigor, mostra-se insuficiente. Sabem por quê? A explicação é simples: na maioria dos casos, os recursos, cobrados juntamente com o IPTU, vão para o caixa comum das prefeituras. Sua utilização, portanto, é decidida pelos prefeitos, que invariavelmente desconsideram o adequado tratamento dos resíduos como prioridade.

Diante da grave situação, algo precisa ser feito com urgência. Cabe ao novo governo federal exigir o cumprimento da lei e aplicar as devidas sanções legais aos transgressores. É necessário que se tomem medidas eficazes em favor do meio ambiente e da saúde pública.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Morte nas escolas

Muitos são os relatos verídicos que todos os dias as mídias sociais trazem ao conhecimento do público, dando conta do aumento no número de casos de chacinas, ocorridos dentro dos muros das escolas. São tragédias que deixam vítimas inocentes, entre mortos e feridos e que vêm ocorrendo em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, deixando as autoridades sem resposta para esses crimes.

Jovens morrem cada vez mais cedo e fazem vítimas cada vez com mais frequência. Há, de fato, uma epidemia a corroer, por dentro, as sociedades modernas, tanto do Ocidente, como do Oriente, numa clara demonstração de que existem problemas muito sérios que precisam ser equacionados o quanto antes, sob pena de enveredarmos por um lento e inevitável caminho rumo a auto destruição.

Não se iluda achando que essas tragédias passam ao largo de nosso cotidiano e que logo logo essa onda niilista irá cessar. Pelo contrário, o que existe — e as notícias que chegam confirmam — hoje é uma verdadeira epidemia de crimes ocorrendo dentro e no entorno dos nossos estabelecimentos de ensino, público e privado. Por detrás desses morticínios estão causas antigas e bem conhecidas como o bullying constante, dentro e fora das escolas, inclusive em casa; xingamentos e indiferença que ajudam a germinar, na mente irrigada de hormônios do adolescente, a semente do ódio e da vingança.

Tudo isso é alimentado ainda por um fator novo, representado pelas próprias mídias sociais, que divulgam e até dão destaque de estrelas para esses novos criminosos. Dizer que o jovem atual é, per si, o único culpado por esses acontecimentos danosos, também não representa toda a verdade. Há aqui uma associação direta e indireta a contribuir para a execução desses assassinatos que estende desde o seio da família, passa pelas escolas e vai até a sociedade como um todo.

São crimes, portanto, em que cada parcela da sociedade possui sua cota de responsabilidade, quer por omissão ou participação. Somos todos cúmplices desses morticínios, que são previamente preparados ainda dentro do âmbito do lar. Somos responsáveis quer por negligenciarmos a formação e educação dos filhos, quer pela permissão da destruição das famílias.

Não há como negar hoje que muitas famílias, simplesmente não possuem condições mínimas para criar e educar suas proles. Não é exagero afirmar que há uma doença, destruindo por dentro, como um câncer, essa que é a célula mater da sociedade. Para muitas famílias a solução de seus conflitos internos com os filhos é empurrá-los para as escolas, na esperança de que nesse ambiente ele encontre amparo para seus problemas. Ocorre que nem as escolas e muito menos as autoridades ligadas ao ensino e a educação estão preparadas ou sequer sabem o que fazer.

A maioria das escolas não possui ajuda de psicólogos ou de outros assistentes sociais especializados na tarefa de ajudar esses jovens. Para complicar uma situação que em si já é bastante grave, as chamadas novas abordagens de psicologias ou de pedagogia, contribuem ao seu modo para jogar mais gasolina nesse inferno, ao insistir que crianças e jovens, antes mesmo de conhecerem seus deveres, compromissos e responsabilidades, devem ser previamente amparados por todo o tipo de direitos, inclusive o de não ser contrariado. Os pais abdicaram do poder de educadores para passar mais poder aos nossos jovens antes que eles possam saber como usá-lo. Obviamente que isso não dá certo e resulta nesses casos extremos e dolorosos que estamos presenciando.

» A frase que foi pronunciada

"As raízes da educação são amargas, mas o fruto é doce"
Aristóteles

Na real

» Diminuiriam exponencialmente os acidentes e intercorrências atendidas pelos Policiais Militares, SUS e Bombeiros se botecos e distribuidoras de bebidas fechassem mais cedo. Se José Serra, quando ministro da Saúde, teve a coragem de proteger a população contra o tabaco, enfrentando a poderosa indústria do fumo, há que se ter alguém para encarar a indústria de bebida alcóolica que não traz benefício algum para a sociedade.

Sem gorjetas

» Com o pagamento da gasolina por cartão ou pix os frentistas pararam de receber um aporte no salário.

Atenção empresários

» Endrick Felipe Moreira de Sousa, começou criança a jogar futebol no DF, e agora como profissional vai fazer parte, em julho do ano que vem, do clube Real Madrid. Na mesma trilha segue o garoto Pierry Santos Boto, que saiu de Brasília para jogar no Aragoiânia. Quem vê o garoto jogar vê uma criptomoeda humana.

» História de Brasília

*Ademais, que chamasse, então, o seu sucessor, em viagem pelo exterior, e o país não teria passado aqueles momentos de tanta angustia, nem tanto dinheiro seria emitido para manter o sistema financeiro. (**Publicada em 17.03.1962**)*